

'Reboqueterapia' é a estratégia dos 'espertos'

■ Sai mais barato remover do que investir na Saúde

Além da sobrecarga com o atendimento dos doentes do Rio, os hospitais municipais ainda arcam com o tratamento de doentes de outras cidades. No Miguel Couto, no Leblon — que deveria atender à população da Zona Sul — 17% dos pacientes ambulatoriais, 10% dos internados e 12% dos atendidos na emergência são de outros municípios. Esta regra o diretor do Hospital de Ipanema, Norival Soares, definiu como "reboqueterapia".

Os médicos do Rio denunciam que a maior parte das prefeituras da Baixada Fluminense e do interior usa a verba do Sistema Único de Saúde (SUS) para comprar ambulâncias em vez de melhorar os hospitais de suas cidades. "É

mais simples e mais barato. Eles estão usando o dinheiro do SUS nisso", constata o secretário municipal de Saúde, Ronaldo Gazolla. "É mais fácil para eles fazer a remoção. Eles colocam os doentes na ambulância e trazem para cá", diz Roberto Magalhães, chefe da medicina clínica do Hospital da Lagoa.

Gazolla conta que "na região metropolitana do Rio as prefeituras não têm feito os investimentos necessários". Os números confirmam. Em janeiro deste ano, 223 pessoas entraram no Souza Aguiar removidas de outros municípios. A diretora da divisão médica, Luiza Nahmias Carvalho, lembra, contudo, que a maioria dos pacientes de outras cidades não está computada neste índice. Ela revela que "o *grosso* vem sozinho", geralmente pela Central do Brasil.

Mas a reclamação maior é so-

bre as remoções. Fernando Maia, diretor do Salgado Filho, denuncia que as transferências são feitas "de uma forma criminosa, sem acompanhamento médico nas ambulâncias e sem consulta prévia para saber se há vaga".

Revoltado, Fernando Maia conta que leu esta semana em um jornal carioca que o prefeito de Nilópolis, Manuel Rosa, iria fechar as portas do Hospital Municipal Juscelino Kubitschek a quem não fosse morador da cidade. "Diariamente chegam aqui quatro ou cinco ambulâncias do município dele *desovando* pacientes. São as mais bonitas ambulâncias que aparecem aqui", alfineta Fernando Maia.

"A Baixada não tem uma estrutura de emergência", denuncia o presidente do Cremerj, Laerte Vaz de Mello. O interior do estado também não. Ele conta que se alguém sofrer um acidente de car-

ro na Região dos Lagos, por exemplo, não há um hospital para oferecer tratamento. Laerte diz que a população sabe onde as condições de tratamento são melhores e prefere percorrer vários quilômetros. "Eles preferem enfrentar uma fila onde sabem que vão encontrar atendimento e medicamentos", afirma.

Basta uma ida à emergência do Miguel Couto para constatar a utilização do hospital por moradores de outras cidades. Francisca Assis Cardoso, 66 anos, veio de Nova Iguaçu sentindo "dor nas costas e *bambeza* nas pernas". Ela acordou às 4h e chegou às 8h no Miguel Couto — às 11h ainda não tinha sido atendida. "Lá é ruim *pra* atender", relatou. De São João de Meriti vieram ainda a doméstica Rosângela de Lourdes Vidal, 30, com erisipela, e o marido com as quatro filhas.